



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

RELATO DA VIVÊNCIA DE MARACATU DE BAQUE VIRADO COM RAINHA E PRINCESA DO MARACATU NAÇÃO ESTRELA BRILHANTE DO RECIFE: UM OLHAR GEOGRÁFICO

Larissa Lima de Souza¹

27/08/2015

INTRODUÇÃO

A Geografia, apesar de ter expandido seus objetos de estudo desde os anos 1970, contemplando as culturas não somente em sua materialidade, mas também em suas representações, seus símbolos e significados, ainda possui uma escassez de pesquisas acerca de uma das manifestações da cultura popular brasileira: o Maracatu. Nesse sentido, o presente relatório de campo tem como objetivo ampliar os trabalhos acadêmicos acerca deste folguedo, no âmbito da ciência geográfica. Da mesma maneira, busca-se através deste relato de vivência contribuir para o registro escrito o qual poderá ser utilizado não somente por pesquisadores da cultura popular, mas dos próprios grupos sociais envolvidos mais diretamente com tal manifestação cultural, pois os saberes de quem vive o maracatu geralmente são construídos na oralidade.

O Maracatu é um folguedo surgido em Pernambuco, no século XVIII, cuja origem se relaciona com o processo de “ressignificação de rituais africanos” (SANTANA, 2012, p.38) no Brasil. Em tempos escravocratas, uma das estratégias de sobrevivência dos negros – escravos e/ou livres- era sua participação nas irmandades de pretos, como a de Nossa Senhora do Rosário e a de São Benedito, assim como nas festividades católicas promovidas pelas mesmas. Uma das cerimônias promovidas

¹ Mestre em Geografia Cultural e Humanística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em sua dissertação, a autora abordou os símbolos e os lugares do Rio Maracatu, grupo percussivo carioca de maracatu de baque virado, sendo este relatório, portanto, uma continuação dos estudos iniciados no Mestrado. Email para contato: larissalima_uff@yahoo.com.br.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

pela Igreja Católica, através das irmandades, era a de Coração de Reis e Rainhas do Congo, durante a qual se elegiam as majestades simbólicas. A Igreja Católica não questionava os batuques e as danças durante os cortejos de maracatu, pois tal instituição se preocupava em exercer o controle dos negros através de sua socialização e de seu descanso para cumprir as obrigações religiosas, evitando que houvesse uma revolta contra o sistema escravista. A coroação, nesse sentido, representava para os senhores uma possibilidade de disciplinarização de seus escravos (LIMA, 2015), mesmo no espaço público. Os reis e rainhas eleitos e coroados pela Igreja, no entanto, desfilavam pelas ruas, acompanhados por toques percussivos e danças relacionados ao candomblé, libertando-se temporariamente de seus papéis sociais e cultuando seus orixás de maneira secreta.

Esses cortejos de Maracatu se diferenciaram espaço-temporalmente em Pernambuco. A partir dos toques percussivos e dos lugares de origem, podem-se distinguir duas vertentes da manifestação: o “nação” ou “de baque virado”; e o “rural”, “de baque solto” ou “de caboclo”. O primeiro, originário do litoral de Pernambuco (Recife e Olinda), possui uma relação mais estreita com as matrizes religiosas africanas, especificamente com o culto Xangô (o candomblé pernambucano), sendo o termo “Nação” referente à Nação nagô, uma das Nações africanas deslocadas compulsoriamente para o Brasil ao longo do período de escravidão, remetendo a um sentido de pertencimento e familiaridade entre seus membros. Já o segundo tipo estabelece laços religiosos afro-indígenas (Jurema) e foi difundido por trabalhadores das lavouras de cana-de-açúcar os quais migraram para Recife e Olinda, incorporando instrumentos de sopro aos de percussão (LIMA, 2015).

O Maracatu, Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil desde Dezembro de 2014, encontra-se em expansão desde a década de 1990, sendo praticado não somente em Pernambuco, mas em diversos outros estados brasileiros e outros países ao redor do mundo, como Estados Unidos, Canadá, França e Alemanha, por exemplo. Essa ramificação do folguedo (GARCEZ, 2012) é possível graças às trocas de saberes e corporeidades dos maracatus pernambucanos e dos grupos percussivos de maracatu mundo afora, principalmente através da realização de apresentações musicais, palestras e oficinas.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

No impulso da chamada *cena pernambucana*, um dos grupos percussivos de maracatu de baque virado surgidos no Brasil é o Rio Maracatu, fundado em 1997 na cidade do Rio de Janeiro e estudado por nós ao longo do Mestrado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LIMA, 2015). O presente relatório de campo trata-se de um registro da experiência de participar, na sede do Rio Maracatu, de uma palestra e uma oficina de dança com uma princesa e a rainha² do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Recife, considerada uma das nações pernambucanas mais tradicionais e atuantes no presente.

Tendo como referencial teórico a Geografia Cultural Renovada e a Geografia Humanística, pautadas no desvendamento dos símbolos e significados constantemente (re)elaborados pelos grupos sociais (CORRÊA, 2007) a partir de sua experiência espacial, optamos por adotar em nosso estudo empírico uma metodologia de pesquisa qualitativa, com a realização de trabalho de campo durante o qual se exerceram as técnicas de observação participante, história oral e diário de campo.

Convidadas para dois dias de palestras e oficinas³ sobre a história de sua Nação e do maracatu de baque virado, os fundamentos de sua dança tradicional e a simbologia dos personagens que integram tal manifestação cultural, as duas importantes personagens do Maracatu pernambucano saíram de Recife rumo à Fundação Progresso, centro cultural localizado no Rio de Janeiro, no intuito de compartilhar seus saberes vernaculares com batuqueiros, dançarinas e simpatizantes do maracatu de baque virado e da Nação Estrela Brilhante do Recife.

A vivência com a Rainha e a Princesa da Nação Estrela Brilhante de Recife, fundada em Julho de 1906, foi possível graças à rede estabelecida entre tal Nação e o grupo Rio Maracatu. Como participamos apenas do segundo dia da vivência⁴, é importante enfatizar que os dados sobre a Nação Estrela Brilhante de Recife presentes neste relatório de campo foram fornecidos durante a

² Neste relatório de campo, optamos por não utilizar os nomes das representantes da Nação em questão, em conformidade com as normas de publicação.

³ As palestras e oficinas ocorreram nos dias 25 e 27 de Agosto do ano de 2015.

⁴ Só pudemos participar do segundo dia de atividades referentes à vivência de Maracatu com as representantes da Nação Estrela Brilhante de Recife devido à difícil conciliação das funções de pesquisadora e professora de Geografia.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

palestra realizada nesta data. Na realidade, a dinâmica do encontro foi muito mais flexível, aproximando-se mais de uma roda de conversa. Portanto, torna-se necessário investigar mais profundamente alguns detalhes acerca das simbologias das personagens, o que requereria um maior tempo de pesquisa empírica. Outro ponto que deve ser lembrado trata-se da dimensão religiosa de uma Nação de maracatu poder dificultar a interpretação dos seus símbolos e significados para quem não faz parte desta mesma cultura, pois determinadas informações são restritas a alguns de seus membros.

Nesta seara, verificamos através de nossa pesquisa de mestrado a relevância das oficinas, tanto de dança quanto de percussão, para a transmissão dos fundamentos do maracatu de baque virado (LIMA, 2015). Essa fundamentação empírica a partir dos relatos é fundamental para a continuidade, a expansão e a (re)significação do folguedo, assim como para a legitimação do trabalho realizado pelo grupo Rio Maracatu, deixando de ser considerado como mera apropriação de uma manifestação e de saberes tradicionais e, sobretudo, relacionados à cultura negra e pernambucana.

Ademais, é através das oficinas e palestras feitas pelos integrantes das Nações, portanto da tradição oral, que os grupos percussivos apreendem os significados (re)construídos dentro do Maracatu-Nação, se embasam e criam outros lugares para si, mesmo aqueles geograficamente distantes. Isso é possível graças à identificação afetiva que estabelecemos com determinados espaços, através da experiência direta ou indireta, a partir de músicas, imagens, narrativas etc. (TUAN, 1983, 2012).

No âmbito da ciência geográfica, considerando-se o *lugar* como “[...] uma edificação de ininterruptas relações, vertidas por apropriações do espaço, construídas por corporeidades em movimento” (CHAVEIRO, 2012, p.276), podemos afirmar que o Maracatu-Nação estabelece, atualmente, sua geograficidade a partir da criação de lugares diversos, encontrando-se em expansão, em uma verdadeira *afro diáspora* (GARCEZ, 2012), compreendendo fluxos materiais



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

(deslocamento de representantes e instrumentos) e imateriais (transferência de símbolos, significados e corporeidades) para o estabelecimento da presente ramificação do maracatu.

E, nessa expansão, uma questão que emerge não somente ao Estrela Brilhante de Recife, mas às nações de maracatu é: “como se expandir para o mundo, semear o Maracatu em outras cidades, lidar com os novos ‘grupos’ e não perder sua ‘autenticidade’?” (GARCEZ, 2012, p. 44). De fato, é necessário o estabelecimento de novas relações – culturais, políticas e econômicas- e uma (re)significação. Nesse sentido, concordamos com o posicionamento de GARCEZ (2012) sobre a ideia de “autenticidade” a qual permeia as nações quando tal autora afirma que “não se trata de uma ‘origem’ estática, mas de uma estratégia política de sobrevivência” (GARCEZ, 2012, p.22), referindo-se, portanto, a uma “invenção política” (GARCEZ, 2012, p.22) baseada na religiosidade de matriz afro ou afro-indígena como um “critério de legitimação” (GARCEZ, 2012, p.27). A rainha, durante sua fala para o Rio Maracatu, fez questão de sinalizar a diferença entre uma “Nação” e um “grupo” justamente a partir das práticas religiosas estabelecidas pelo Estrela Brilhante de Recife para sair no Carnaval. A religiosidade de matriz africana é o pilar das Nações de maracatu. Ainda de acordo com ela, as consultas e os preparos espirituais (obrigações religiosas, banhos para purificação, trabalhos) são primordiais para que sua Nação obtenha proteção e sucesso nos cortejos carnavalescos. Podem-se citar como situações que evidenciam essa intrínseca relação entre Nação e religiosidade: a saída das calungas da sede e a escolha de personagens da corte como a rainha e as damas-de-paço. Nesse sentido, o Maracatu-Nação representa uma rememoração do passado de resistência à escravidão através de mitos e ritualizações ligadas ao candomblé, cujos terreiros surgiram no Brasil com os “sentidos de liberdade e de ação – ação que festeja a liberdade” (CORRÊA, 2013, p.209).

A despeito do sentido basilar do culto nagô ou jurema para a construção da “autenticidade” das Nações de maracatu, notamos que a noção de tradição se mostra flexível, comportando transformações ao longo do tempo. Um fato que exemplifica tal afirmativa diz respeito a determinadas alterações realizadas em vestimentas de personagens, como as Damas do Paço, cujos



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

vestidos costumavam ser mais curtos e menos volumosos, pois não possuíam armação de metal. Durante a palestra da qual participamos, a rainha do Estrela Brilhante do Recife fez questão de enfatizar que tal modificação não significou uma perda de tradição por parte de sua Nação, tendo sido realizada apenas no intuito de embelezar o cortejo. Conceitualmente, na perspectiva de Hobsbawm (1997), há uma distinção entre a *tradição* e o *costume*, sendo a primeira caracterizada pela invariabilidade – mesmo quando inventada. Já o costume abre-se às inovações, inclusive quando pertencente a uma sociedade considerada “tradicional”. Ademais, tal autor também estabelece a existência de uma função simbólica e ritual importante e imutável da *tradição*. Na visão deste pensador, uma “inovação não se torna menos nova por ser capaz de revestir-se facilmente de um caráter de antiguidade” (HOBBSAWM, 1997, p.13). De fato, como qualquer outra prática cultural, o maracatu, enquanto manifestação tradicional da cultura brasileira, não é um já dado ou estático. Portanto, seus *costumes* podem ser transformados, havendo uma ressignificação do folguedo, uma reconstrução ao longo do tempo, a partir dos objetivos dos grupos sociais que participam de tal cultura. Essa (re)atualização de *tradições* históricas, especialmente aquelas ligadas à religiosidade de matriz africana das Nações, torna-se, portanto, essencial para reforçar a identidade dos grupos que festejam o maracatu, assim como para a criação de lugares simbólicos (CORRÊA, 2007) para os mesmos.

Através das redes estabelecidas entre Nações e grupos percussivos, lugares são engendrados, tanto no espaço privado de suas sedes – desde o terreiro Ilê Asé Omyñ Ogunté, onde ocorrem as obrigações e “trabalhos” (GARCEZ, 2012) do Estrela, até a Fundação Progresso, local de oficinas e ensaios do Rio Maracatu – quanto no espaço público apropriado simbolicamente pela Nação (Avenida Dantas Barreto, no Centro de Recife, por exemplo) e/ou pelo grupo percussivo por nós estudado (Praça dos Arcos, na Lapa carioca). É a partir das cores, das vestimentas, dos sons e da corporeidade que o maracatu transforma espaços em lugares.

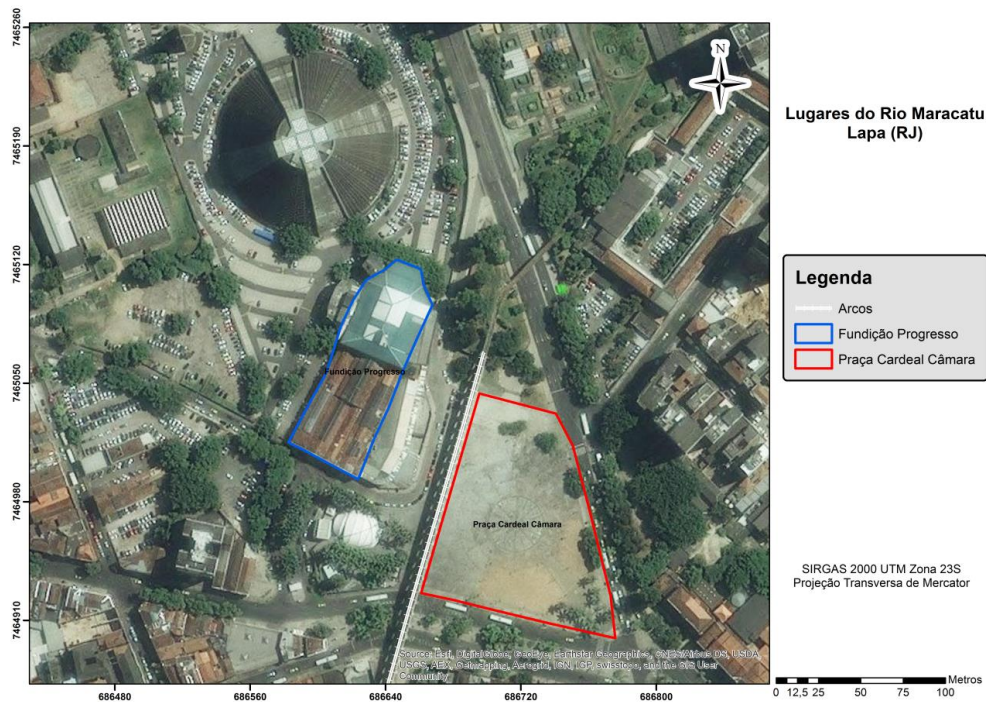
Em nossa pesquisa de Mestrado, elaboramos um mapa (Mapa 1.) no intuito de facilitar a compreensão da espacialidade do grupo Rio Maracatu em um dos “lugares simbólicos” (CORRÊA,



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

2007) de maior expressividade na cidade do Rio de Janeiro: o bairro da Lapa. Foi neste bairro lembrado pela ideia de boemia carioca que ocorreu nossa vivência de maracatu de baque virado sobre a qual relataremos a seguir.



Mapa 1. Lugares do Rio Maracatu – Lapa (RJ).
Fonte: A autora e Evelyn Meirelles (LAGEPRO-Uerj)

MARACATU, CORTEJO E SIMBOLOGIA DOS PERSONAGENS

A palestra intitulada “Maracatu, Cortejo e Simbologia dos personagens” ocorreu entre 19 horas e 20h30 do dia 27 de Agosto de 2015, horário da Oficina de Dançado Rio Maracatu (ODRM), na Sala Atmosfera da Fundição Progresso, espaço cultural localizado no bairro carioca da Lapa (Figura 2.).



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES



Figura 2. Palestra com representantes do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Recife na Sala Atmosfera.
Fonte: Rê Ferreira.

Antes do início da palestra, os professores da ODRM receberam dos participantes as quantias referentes ao pagamento da vivência de maracatu de baque virado, organizada pelo Rio Maracatu, variável para membros e não membros da ODRM. Este também foi o momento para a rainha e a princesa conseguirem vender todas as camisas de sua Nação trazidas para os dois dias de atividades, assim como guias com as cores do Estrela Brilhante (branco e azul).

Estando à frente das atividades do Estrela Brilhante do Recife desde 1995, a representante da Nação se coroou rainha em 2002, e, durante a vivência na sede do Rio Maracatu iniciou sua fala se apresentando e colocando em evidência as principais personagens que compunham o maracatu de baque virado em tempos pretéritos. Inicialmente o Maracatu-Nação era composto apenas pelo batuque, pelo rei, pela rainha e pelas catirinas (também conhecidas como catitas). Essas últimas personagens simbolizam as mucamas, escravas as quais viviam próximas a seu senhorio⁵. De acordo com a majestade simbólica, as catirinas “são fundamentais no maracatu”, não podendo estar ausentes nos cortejos, durante os quais tais personagens compõem dois grandes cordões

⁵ Afirma-se, também, que as catirinas são personagens que fazem referência às baianas do candomblé, cujas saias de algodão eram feitas sem armação em tempos pretéritos.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

margeando os demais membros da Nação. Os motivos de tamanha relevância destas personagens nos cortejos não foram explicitados pela rainha, mas é possível que sejam tanto históricos quanto estéticos (pela graciosidade de seu balé afro e pelos adereços utilizados), além de possuírem a função de proteção da corte real. De acordo com GARCEZ (2012), “historicamente este personagem não está na corte, mas forma duas filas onde todas se vestem iguais; atualmente [...] elas usam saias floridas, sem armações, blusas lisas, turbantes e acessórios simples como cordões e pulseiras de contas.” (GARCEZ, 2012, p.86). É uma questão de representatividade, mas investigaremos mais sobre os simbolismos destas personagens femininas dentro do maracatu a partir de outros estudos empíricos com os membros da Nação.

Com o passar do tempo, também passaram a fazer parte da corte as “pastoras”, personagens atualmente denominadas “Damas de Paço”, utilizando vestidos mais longos e com uma armação cujo intuito era o de embelezar sua dança. As Damas de Paço são “as pernas das calungas” da Nação, responsáveis por carregá-las durante os cortejos, sendo escolhidas a partir de uma consulta com búzios. As calungas são bonecas - feitas de cera ou pano - que vão à frente dos cortejos, simbolizando a proteção dos ancestrais à Nação. Sendo personificações de espíritos de membros da Nação já desencarnados, as calungas não podem ser tocadas ou carregadas por qualquer pessoa. É necessária, portanto, uma preparação espiritual das Damas de Paço para que as bonecas saiam da sede da Nação, seja para um cortejo carnavalesco ou não. De acordo com a rainha, quando as bonecas estão na rua, torna-se imprescindível a presença de alguém para “tomar conta” das mesmas. O Maracatu Nação Estrela Brilhante de Recife possui duas calungas: Joventina e Erundina, consideradas por sua rainha como “as donas da Nação”. As bonecas só podem receber nomes de pessoas já falecidas, mas para que os nomes sejam escolhidos, é necessário um jogo de búzios⁶ para

⁶ De acordo com a geógrafa Aureanice de Mello Corrêa, o jogo de Búzios é um “ritual divinatório” realizado por mulheres, as quais exercem liderança dentro do Candomblé brasileiro. A autora lembra, ainda, que nos momentos de grandes decisões, como é o caso da “sucessão de uma Iyalorixá”, por exemplo, as mulheres que possuem o dom do jogo de Búzios costumam ser acompanhadas por sacerdotes masculinos os quais possuem a exclusividade de realizar os jogos “de Opelé e do Ikim”, os chamados Babalaôs (Babalowos) (CORRÊA, A.M. 2004, p.82).



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

saber se os espíritos dos desencarnados concordam em participar dos “trabalhos” (GARCEZ, 2012) da Nação, como é o caso de Joventina e Erundina. As calungas são vestidas com as cores de seus respectivos orixás: Joventina é filha de Iansã, por isso usa a cor rosa e Erundina, filha de Oxum, usa a cor laranja. As roupas das Damas de Paço devem ser idênticas às de suas respectivas bonecas.

Do ponto de vista geográfico, um dos pontos abordados pela soberana bastante importante para a nossa compreensão do maracatu foi a ordem espacial dos personagens nos cortejos carnavalescos de sua agremiação. Tal relevância se deve ao fato de o arranjo dos objetos espaciais que são percebidos e que contém significado para determinado grupo, portanto funcionando como “símbolos espaciais” (COSGROVE, 2012), ou “geossímbolos”, nos termos de BONNEMAISON (2012), ser essencial para a recriação de “itinerários simbólicos” (CÔRREA, 2007) e para a fortificação da dimensão simbólica responsável pela construção identitária desse mesmo grupo.

Primeiramente, o desfile é aberto pela porta-estandarte da Nação, necessariamente uma mulher, sendo seguida pelos caboclos de pena⁷, os quais desfilam com uma flecha para espantar os maus espíritos. Após estes personagens, entram as Damas de Paço juntamente com as calungas da Nação (Dona Joventina e Dona Erundina).

A seguir, surge a corte mirim, essencial para a continuidade da Nação, pois de acordo com a rainha, “é dos pequenos que eu faço os grandes” (*Sic.*). O saber é transmitido oralmente entre as gerações. A rainha relatou que alguns, por volta de onze, doze anos, se afastam do maracatu, ficam com vergonha quando começam a namorar, mas anos depois voltam a participar e ela faz questão de deixar as “portas abertas”.

⁷ No Maracatu-Nação, os caboclos são chamados “de pena”, utilizando vestimentas que fazem referência às indígenas e realizando diversas acrobacias ao cortar o cortejo da nação. Não devemos confundir tal personagem com o famoso caboclo de lança, também conhecido como “lanceiro”, típico do maracatu do tipo rural/ de baque solto, que desfila com o rosto pintado de vermelho, chapéu enfeitado com fitas multicoloridas, óculos escuros e com um cravo branco preso entre os lábios.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Após a corte mirim, encaminha-se a corte real, composta pelas baianas ricas⁸ e pelos casais, dentre os quais estão o de embaixatriz/embaixador e de conde/condessa, entre outros, sendo seguidos pela dama da corte, pelas princesas e pelas catirinas. Estas últimas formam dois grandes cordões que “cortam” o cortejo ao longo da Avenida Dantas Barreto, permanecendo nesta até o fim dos 45 minutos que a Nação possui para cruzá-la no Carnaval.

Apesar do risco de machucarem seus pés com cacos de vidro presentes na avenida por onde passa o cortejo carnavalesco, a majestade do Estrela Brilhante de Recife relatou que seus batuqueiros desfilam descalços (Figura 3.). Tal ato se relaciona com a questão do enraizamento dos músicos, da energia do candomblé e da alusão aos pés descalços dos negros que foram escravizados. As catirinas também desfilam descalças ou com sandálias padronizadas, como alpercatas de couro.



Figura 3: Bateria do Maracatu Nação Estrela Brilhante, em cortejo na Avenida Dantas Barreto, Recife, 2015.
Fonte: Autor- Marina Duarte.⁹

⁸ As baianas ricas outrora eram chamadas de “baianas de luxo”, tendo obrigação de entrar na Avenida com vestes bastante exuberantes e saltos de tipo Luís XV.

⁹ Imagem disponível no perfil da Nação Estrela Brilhante do Recife, em sua rede social. Disponível em: <<https://www.facebook.com/nacao.estrelabrilhante.recife/?pnref=lhc>>. Acesso em 25/08/2015.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

A Nação Estrela Brilhante de Recife conta, ainda, com os escravos, personagens que realizam um balé afro, acompanhados de ferramentas feitas de papelão como enxadas e pás, representando as ferramentas de trabalho utilizadas pelos negros escravizados em tempos pretéritos. A rainha informou, ainda, que houve uma adaptação no material utilizado para a confecção das ferramentas devido às brigas que geralmente ocorriam entre integrantes de sua Nação e de outros maracatus, até mesmo após o término dos cortejos carnavalescos. Neste ponto, percebemos a permanência da associação do maracatu com a ideia de violência, evidenciada pelos autores OZANAM e GUILLEN (2014) ao analisarem como o maracatu era representado na imprensa pernambucana na virada do século XIX para o XX, afirmaram que não se esperava nada muito diferente dos maracatus além de “briga, confusão e correrias” (OZANAM; GUILLEN, 2014).

De acordo com sua atual rainha, o Estrela Brilhante de Recife já contara com uma ala dos orixás, mas esta foi retirada e não compõe mais os cortejos carnavalescos por não estar no regulamento e por ser considerada pela líder na Nação como uma ala “muito complicada”, havendo necessidade de os filhos dos orixás realizarem suas respectivas obrigações antes de irem para a rua e de sempre ter de haver alguém para “tomar conta” desta ala ao longo do cortejo.

No entanto, alguns objetos simbólicos estão sempre presentes nos cortejos, sendo, inclusive, considerados pelo júri durante o Carnaval para a pontuação das Nações de maracatu de baque virado. Uma das personagens de maior expressividade simbólica é a rainha, estando sempre sob os olhares tanto dos membros de sua Nação quanto dos espectadores (público e jurados). Possuir uma rainha coroada é, inclusive, considerado um diferencial legitimador das Nações de maracatu (OLIVEIRA, 2011), pela expressividade simbólica a qual acaba se desdobrando em um poder igualmente temporal conferido à rainha de uma Nação.

A respeito das vestimentas, a rainha da Nação pernambucana esclareceu à rainha do Rio Maracatu que a majestade sempre deve entrar na avenida portando sua capa, além do cetro e da espada, símbolos da realeza, sob pena de perda de pontos no Carnaval. Na trilha das instruções fornecidas, a majestade do Estrela Brilhante de Recife enfatizou que a coroa da rainha deve ser



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

aberta, pois “a de lansã é toda aberta”, sendo a sua vermelha, devido à cor de seu orixá (Xangô). Apesar de poder reformar sua coroa, trocando os materiais que a compõem - como o veludo-, a rainha relatou, ainda, que nunca pode trocar sua cor, no intuito de manter a tradição de sua coroação realizada em 2002.

ESPAÇO E SIMBOLISMO NA NOITE DOS TAMBORES SILENCIOSOS

Compreender o Maracatu-Nação por um viés geográfico implica desvendar os significados de seus simbolismos e interpretar de que maneira as nações semiografam o espaço a partir de tais símbolos de caráter sagrado, reforçando a identidade do grupo que se expressa através de tal manifestação cultural. De fato, “o estudo geográfico das relações entre espaço e cultura propõe repensar a herança do passado” (BERDOULAY, 2012, p.122), utilizando-se principalmente da noção de patrimônio cultural ou histórico, o qual possui sempre uma localização, mesmo quando se trata de um legado considerado imaterial, como saberes, celebrações, formas de expressão e lugares.

Em nossa apreciação, a base da identidade no maracatu se relaciona com a ideia de africanidade, exaltada, por exemplo, em um evento anual denominado Noite dos Tambores Silenciosos. Tal celebração ocorre sempre por volta de meia-noite da segunda-feira de Carnaval. Trata-se de uma cerimônia religiosa em homenagem aos ancestrais africanos. Realizada pelo mais antigo babalorixá vivo do Brasil, Tata Raminho de Oxossi, ocorre em um lugar simbólico de grande significação para todas as Nações de maracatu de Pernambuco: o Pátio do Terço, em frente a uma Igreja Católica. Após o cortejo das Nações, uma a uma, o babalorixá executa loas para que os eguns (espíritos de ancestrais desencarnados) sejam saudados e homenageados. Quando pedimos que a princesa e a rainha cantassem as saudações deste tipo de cerimônia na palestra, para que as conhecêssemos, respeitosamente se negaram, explicando-nos que apenas os homens podem entoá-las no culto aos antepassados africanos.

Quando questionada a respeito da localização da cerimônia da Noite dos Tambores Silenciosos, a rainha alegou que, atualmente, as Nações de maracatu se relacionam apenas com o



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Xangô, ou seja, com o candomblé¹⁰. Neste ponto, a princesa complementou a fala de sua mãe, afirmando que, atualmente, não é mais necessária a vinculação desta cerimônia com o catolicismo e o candomblé. Isso precisava ocorrer como estratégia de sobrevivência dos negros, os quais se camuflavam nas Irmandades de Negros (como a de Nossa Senhora do Rosário) e, ao realizarem a cerimônia de Coroação de Reis e Rainhas do Congo, aparentemente católica nas vestimentas e na organização realizada pelas irmandades, cultuavam seus orixás e seus ancestrais através dos batuques e das corporeidades.

O Pátio do Terço continua sendo apropriado pelas Nações até hoje, durante a Noite dos Tambores Silenciosos, pois, em tempos pretéritos, essa localidade abrigava o porto de Recife (CAMPOS, 2011), sendo o ponto em que muitos navios negreiros atracavam e onde ocorria a venda de escravos, dos quais muitos não sobreviviam. De acordo com a majestade simbólica, este também era o lugar em que os escravos fugidos que morriam eram enterrados, em cima do qual passara uma linha férrea, não mais utilizada atualmente.

Nesse sentido, o maracatu se reafirma como uma das “canções da saudade brasileira” (CERTEAU, 2012, p.71. Grifo no original) e como patrimônio imaterial dos “lugares de memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil” (MATTOS et. al., 2013).

TOADAS E DANÇA NA PRAÇA DOS ARCOS

Após o término da palestra, estendida devido às diversas perguntas realizadas para a rainha e para a princesa, os professores de dança do Rio Maracatu, a rainha deste grupo percussivo e as catitas se trocaram para a oficina de maracatu de baque virado. As catirinas vestiram suas saias de

¹⁰ “[...] sobre a constituição do Candomblé, no Brasil, podemos afirmar que, os africanos se inseriram, na metrópole, traçando suas estratégias através de geossímbolos, para a sobrevivência, criação, manutenção e proteção de um processo de territorialização, que iniciado nas primeiras confrarias de negros em Portugal, no Brasil sob o aprofundamento de fronteiras porosas de práticas culturais distintas, consolidam – em conjunto com o prototerritório, o terreiro de Candomblé, como faces de uma mesma moeda – o processo de identidade e pertencimento do africano, no Novo Mundo.” (CORRÊA, 2004, p. 129)



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

chita, algumas com a camisa da ODRM deste ano, outras com a blusa do Estrela Brilhante de Recife, e somaram-se aos batuqueiros para que fosse realizado um arrastão¹¹ pelo bairro da Lapa.

O Rio Maracatu, acompanhado pelas representantes do Estrela Brilhante de Recife, saiu da Fundação Progresso rumo à Praça Cardeal Câmara, mais conhecida como Praça dos Arcos, um dos espaços frequentemente transformados em lugares pelo grupo, como estudamos anteriormente (LIMA, 2015). A toponímia da praça deve-se à presença de um dos mais notáveis símbolos espaciais do Rio de Janeiro: os Arcos da Lapa. Sob os refletores durante as noites, os Arcos, por outro lado, servem de abrigo para moradores de rua ao longo dos dias.

Como de costume, o arrastão de encerramento da vivência atraiu olhares e câmeras de curiosos e simpatizantes que andavam pelas ruas da Lapa, seja pela sonoridade forte e diferente, ou pela corporeidade facilmente associada à cultura negra, e que começaram a se aglomerar ao nosso redor. Configurou-se, assim, um “balé do lugar” ou “dança-do-lugar” (SEAMON, 2013), que, desta vez, contou com a participação de homens e mulheres que fazem das ruas da Lapa o seu lugar de moradia. Um desses homens, ao fim de nosso arrastão, já em frente à Fundação Progresso, apertou nossas mãos e mencionou o fato de sua mãe ter nascido no estado da Bahia. Ou seja, houve uma identificação cultural construída ou lembrada a partir do maracatu. Para esses indivíduos, é bastante provável que tais períodos de apropriação simbólica da Praça dos Arcos e das ruas próximas ao monumento, como feito pelo Rio Maracatu na noite em questão, sejam os poucos momentos de diversão e de pertencimento ao(s)/no(s) espaços em que habitam, podendo se transformar em lugar(es) a partir da afetividade, dos movimentos corporais, assim como nós igualmente o fizemos.

Uma compreensão geográfica da corporeidade torna-se possível, pois o corpo representa um instrumento de contato dos indivíduos com o mundo durante todas as fases da vida, transformando-

¹¹ Denomina-se arrastão a apropriação das ruas por um grupo percussivo de maracatu, mas sem o acompanhamento de uma corte.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

se, portanto, em um arquivo de lugares, um “arquivo-vivo-memória” (CHAVEIRO, 2012, p.253), testemunhando vivências e saberes transmitidos ao longo do tempo. Lembrando que toda sociedade existe em um espaço e vice-versa, Chaveiro (2012) alega que as corporeidades se apropriam do lugar e, ao mesmo tempo, são condicionadas por eles.

Além do marcante ritmo percussivo e da dança, entoamos loas em coro, puxadas tanto pelas representantes do Estrela Brilhante de Recife quanto por professores de percussão do Rio Maracatu, principalmente aquelas as quais não são comumente executadas nos cortejos carnavalescos deste grupo. Elegemos e transcrevemos abaixo algumas das toadas¹² que cantamos no encerramento desta vivência de maracatu de baque virado:

1- Dança Rainha

“Dança a rainha, vassalo e escravo
Todos os lanceiros¹³ e a corte real
Toque o batuque no baque virado
Dama de paço escute o compasso
Vem meu rei, embaixador e princesa também
Catirina olha o baque zuando
É o Estrela que já vem chegando”

2- Nossos Tambores

“Quando os nossos tambores zoou
E a dama de paço girou
Meu estandarte brilhou
Porque sou Nação Nagô
Vem Nação Estrela Brilhante cantar

¹² As toadas transcritas neste relatório de campo são de autoria de Walter França, Mestre de percussão da Nação Estrela Brilhante de Recife.

¹³ De acordo com Rainha Marivalda, os lanceiros podem ser mulheres, mas elas devem estar vestidas com roupas tipicamente masculinas.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Bate forte os nossos tambores
 Rufa a caixa, mineiro e ganzá
 Joventina Erundina não deixa o tambor se calar”

3- Vovó

“Vovó falou e o Barão assinou
 Vovó falou e o Barão assinou
 Estrela Brilhante é Nação Nagô
 Estrela Brilhante é Nação Nagô
 Na marcação das alfaias
 no tilintar do gonguê
 no xiquexá das maracás
 na marcação do agbê”

4- Toque o gonguê

“Toque o gonguê, balance o ganzá
 É no baque virado que o Estrela vai passar
 Cante sinhá, toque sinhô
 Sou afro-africano e também Nação Nagô”

Observou-se que a maioria das toadas do Estrela Brilhante de Recife faz referência aos principais personagens e instrumentos que integram o Maracatu-Nação (com destaque para a rainha e as calungas), à importância da associação entre baque e dança, bastante enfatizados também nas oficinas de dança do Rio Maracatu, e ao pertencimento a uma Nação (nagô), exaltando a africanidade que permeia e direciona toda a prática do Maracatu de baque virado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos a partir da vivência de maracatu de baque virado que o grupo Rio Maracatu se preocupa em valorizar tal manifestação pernambucana por meio da realização de palestras e



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

oficinas (de dança e percussão), convidando mestres, rainhas e princesas, figuras de expressiva importância dentro de suas Nações para partilharem seus saberes, contribuindo para a expansão, o fortalecimento do maracatu, seja através da remuneração oferecida aos “dententores” da cultura tradicional, seja pela perpetuação da musicalidade e da corporeidade do maracatu de baque virado.

A *estrutura do folguedo* demonstra em que sentido o Rio Maracatu reinventa, ao mesmo tempo em que se referencia e se embasa nas Nações, especialmente no Estrela Brilhante do Recife, com a qual estabelece maiores vínculos, a fim de legitimar sua releitura do maracatu. Através do estudo e das oficinas ministradas, o Rio Maracatu estabelece conexões com o “tradicional” para reinventá-lo com singularidade. Um exemplo disso é a (re)significação dos movimentos corporais no maracatu, inspirados em algumas posturas de orixás, feita pelos professores da Oficina de Dança do Rio Maracatu. Na dança tradicional de maracatu, como realizam a majestade e a princesa, os movimentos corporais são mais contidos, ao contrário da dança do Rio Maracatu, com movimentos mais abertos, mais giros, entre outras características.

Nesse sentido, não podemos trabalhar com uma noção estatizante de cultura, mesmo quando nos referimos a determinada manifestação cultural considerada tradicional, pois toda cultura é uma construção social, considerando-se a acepção do termo abordada pela Geografia Cultural Renovada. Portanto, mesmo a tradição é passível de mudanças, como ocorre com o maracatu de baque virado.

Este objeto de pesquisa, dentro da ciência geográfica, ainda precisa ser melhor desvendado em termos de simbolismos e significados, de sua espacialidade e temporalidade. Observamos ao longo da vivência relatada neste trabalho que alguns elementos simbólicos parecem ter acompanhado a trajetória do maracatu desde suas origens, como a rainha e o rei. Outros, no entanto, integraram os cortejos somente com o passar dos anos. Certamente, a interpretação geográfica do folguedo, dentro de uma perspectiva cultural, poderia ser ampliada com uma maior precisão a respeito dessa periodização da participação das personagens e das mudanças ocorridas nos desfiles. O trabalho de campo que originou esse relatório foi o ponto inicial de questionamentos



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

desse tipo, o que enriquece a ciência geográfica. Tais perguntas serão respondidas em nossos próximos trabalhos acerca da espacialidade simbólica do Maracatu-Nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERDOULAY, Vincent. Espaço e cultura. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato.(orgs.) **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**: Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2012.

BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do território**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L.(orgs.) Geografia Cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. v. 1.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Das tias do Pátio do Terço à Noite dos Tambores Silenciosos: espetacularização dos Xangôs do Recife pelos Maracatus e Afoxés. **Anais... CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DIVERSIDADES E (DES)IGUALDADES**, 11., Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307109390_ARQUIVO_zuleicaCOLAB.pdf>. Acesso em: 12 abr., 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 19. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e Lugar: Elos da Produção da Existência. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W; OLIVEIRA, Livia de. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Ed: Perspectiva, 2012. p. 249-279.

CORRÊA, Aureanice de Mello. **Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global**. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós- Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. “Não acredito em deuses que não saibam dançar”: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L.(orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. v. 2. p.203-21.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a geografia cultural**. Textos NEPEC, Rio de Janeiro, n. 3, 2007. CD-ROM.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L.(orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. v. 1. p.219-238.

GARCEZ, Laís Salgueiro. **Os movimentos do Maracatu Estrela Brilhante de Recife: Os “trabalhos” de uma “nação diferente”**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

LIMA, Larissa. **Vibrações, Símbolos e Lugares do Rio Maracatu**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: _____.; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; GURAN, Milton. (orgs.). **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**. Niterói: UFF/LABHOI, abr. 2013. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/inventario_julho_2013.pdf>. Acesso em: 1 set. 2015.

OLIVEIRA, Jailma Maria. **Rainhas, mestres e tambores: gênero, corpo e artefatos no maracatu-nação pernambucano**. 2011. 130f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

OZANAM, Israel; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Com a licença da polícia: maracatu e capoeira no Recife no primeiro carnaval do século XX. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio. (orgs.). **Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil**. São Paulo: Ed. Selo Negro Edições, 2014.

SANTANA, Paola Verri de. **Maracatu-nação: Festa na cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012.

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. **Revista Geograficidade**, v.3, n.2, jul./dez. de 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Ed. Eduel, 2012.